

do
re
de
sí
ue
or
io
os
la
es
os
as
a
la
os

lo
la
n
n,
is
ia
r.
lo

PROFESSORAS DO BRASIL - ALGOZES OU VÍTIMAS?

Regina Leite Garcia

Assim que assumiu a Presidência da República, o atual presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, anunciou o que faria na área da educação e porquê o faria. Como todos os presidentes, governadores e prefeitos de nossa História, afirmava a Educação como uma de suas prioridades.

Segundo ele, o problema da Educação não era de falta de verbas, mas de incompetência das professoras. Haveria escolas em número adequado para o número de alunos em idade de escolaridade obrigatória e recursos suficientes para a manutenção das escolas existentes. Quando se reduz problemas sociais a números, pode-se jogar com eles e colocar véus na situação real. Omitia o presidente o fato conhecido dos pesquisadores da área de educação de, na verdade, dados os critérios, nem sempre político-sociais mas freqüentemente político-eleitorais, de construção de escolas, vivermos a situação de regiões com excesso de oferta de escolas, enquanto outras regiões apresentam vagas em número menor do que a procura. Dai termos escolas sem alunos e alunos sem escola. O mais grave é que a insuficiência de ofertas de escolaridade se dá exatamente nas regiões mais carentes, seja por falta de prédios escolares, seja por falta de professoras. Aos que mais necessitariam, sempre foi oferecido menos neste país. Na verdade o Estado no Brasil atendeu/atende predominantemente aos interesses da minoria privilegiada, que sempre soube defender e justificar os seus privilégios. As conquistas dos subalternos, e nunca foram concessões, foram resultado de muita luta. Haja visto hoje, quando o discurso do Estado enxuto é hegemônico e que contraditoriamente, os acusadores do Estado beneficente, sempre que em apuros, se voltam para, mais uma vez, mamarem nas tetas que querem privatizadas - para eles - e não a serviço do povo, que seria a verdadeira função de um Estado democrático.

Esquecido este "pequeno problema", o problema da educação passa a ser, para os formuladores da política educacional, o de professoras mal formadas e incapazes de desenvolver uma prática pedagógica que dê conta das dificuldades apresentadas por grande parte do alunado. É, como já afirmavam Rockwell & Mercado em 1986,

"en la versión oficial se tiende a negar la transformación real que ocurre en las escuelas"¹

Ou, pelo menos, se nega as tensões e contradições presentes nas escolas, onde estão presentes, sem dúvida, conteúdos reprodutores de relações sociais e de poder ligadas aos interesses dominantes - portanto conservadores - mas onde também se encontram espaços de apropriação da cultura e de produção de novos conhecimentos,

* Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense.

¹ Todas as citações de Rockwell & Mercado são encontradas na publicação do Centro de Investigación y de Estudios Avanzados IPN, da autoria de Rockwell & Mercado, intitulada La escuela, lugar del trabajo docente. México, Cuadernos de Educación, DIE, 1989.

de luta e de resistência - portanto emancipatórios. Ainda que estejam presentes na escola concepções que escamoteiam as próprias origens populares das professoras, nela também estão presentes formas solidárias com as lutas dos demais trabalhadores e trabalhadoras. Apesar da escola excluir grande parte da população subalterna do acesso ao saber escolar, nela alguns se apropriam da cultura negada aos demais e se reconhecem e são reconhecidos como produtores de saber. Não fosse assim, não haveria qualquer justificativa para a histórica luta das classes populares pelo direito à escola.

Negado pela versão oficial o potencial de transformação das escolas, os sujeitos sociais que nela atuam profissionalmente passam a ser negados em sua condição de agentes de mudança. A responsabilidade pelo fracasso escolar é assim creditada às professoras, sejam elas quem forem, por não saberem o que ensinar e, muito menos, como ensinar. Trata-se de um problema de conteúdo e método. As professoras brasileiras, na avaliação do presidente, não dominam os conteúdos pedagógicos a serem ensinados e não sabem empregar métodos favoráveis aos que vêm fracassando na escola, o que dificulta quando não impede, que as crianças e jovens possam superar as dificuldades que encontram e, afinal, cheguem a aprender, que escola existe para que as crianças e jovens aprendam o que não sabiam antes de se escolarizar.

A premissa é inquestionável - a escola é historicamente uma instituição em que as novas gerações devem ter acesso ao conhecimento que foi sendo produzido social e historicamente. Nossa discordância é quanto às conclusões a que chegam os críticos apressados ou mal intencionados - se a função da escola não se realiza, a responsabilidade passa a ser computada às professoras, por não saberem ensinar e não estarem comprometidas com a aprendizagem de seus alunos e alunas. Ao recorte - professoras incompetentes - é dado valor de totalidade - as professoras brasileiras são incompetentes para o exercício docente, por isso responsáveis pelo fracasso escolar.

A avaliação do presidente considera a categoria magistério como um todo homogêneo, sem levar em conta a complexidade de um grupo, no caso, as professoras do Brasil, que só podem ser entendidas se as consideramos em sua heterogeneidade, dada a diversidade de situações estruturais e conjunturais, sejam históricas, econômicas, sociais, culturais e pessoais.

Encontramos professoras leigas, professoras com curso de segundo grau (antigo curso normal), professoras com curso superior e professoras com curso de pós-graduação lato sensu e stricto sensu. Qual é a professora a que se refere o presidente? Encontramos professoras que dizem "pro que eu ganho, faço muito" e professoras que após uma jornada dupla de trabalho em sala de aula, buscam a universidade à noite para tentarem melhor compreender a sociedade em que vivem, a escola em que atuam, os alunos e alunas com os/as quais interagem. Qual é a professora a que se refere o presidente? Encontramos professoras que desistem de lutar por uma escola pública de qualidade e pedem demissão, partindo para outras formas de sobrevivência que não o magistério e professoras que, apesar de tudo e todos, continuam a lutar dentro e fora da escola por uma sociedade mais democrática e justa e por uma escola de qualidade

para todos e todas e não apenas para os que gozam de todos os privilégios dentro e fora da escola.. Qual é a professora a que se refere o presidente?

Em sua avaliação o presidente desconsiderou a complexa realidade da escola pública brasileira e das professoras que nela atuam. Repetiu o processo do qual as crianças e jovens das classes populares, negros, indígenas e mestiços foram e continuam sendo vítimas na escola. Tomou um modelo ideal de professora e, definidas as qualidades desta professora idealizada, foi identificando o que falta às professoras do mundo real e complexo da escola. Uma vez estabelecido o padrão de normalidade, tudo o que foge ao modelo vai sendo considerado a-normalidade e precisa ser corrigido. A forma de corrigir o comportamento desviante das professoras será através de capacitação via televisão. Todas serão colocadas na fôrma da norma de boa professora e será finalmente instaurada a harmonia da "qualidade total" nas escolas.

Dissociando qualidade de vida (tanto dos alunos e alunas quanto das professoras) de qualidade do trabalho escolar, fica fácil colocar a culpa nas professoras. É preciso encontrar culpados para problemas que não se consegue resolver e, como sempre, a corda arrebenta no lado mais fraco. É a repetição do processo que se dá na sociedade: o banco quebra e o contador, que cumpriu ordens, é preso, sendo poupado o banqueiro; os Trabalhadores Sem Terra são dizimados em Eldorado dos Carajás e apenas o oficial é acusado enquanto seus superiores são esquecidos; verbas altíssimas são concedidas aos proprietários das terras, produtivas ou não, e não há verbas para fazer uma reforma agrária.

As professoras, o elo mais fraco de uma cadeia de responsabilidades, passaram a ser consideradas as grandes responsáveis pelo fracasso escolar.

Já houve tempo em que a culpa pelo fracasso era atribuída às maiores vítimas - os alunos e as alunas das classes populares, que buscam na escola o que quase nunca encontram - a possibilidade de se apropriarem de um conhecimento que é dito ser fundamental para as suas vidas. Os estudos e pesquisas revelam que as crianças e jovens das classes populares, além de fracassarem na escola, nela aprendem que o seu fracasso escolar se deve à sua própria incapacidade de aprender. Se elas e eles não aprendem, diz o senso comum carregado de preconceito, é por serem incompetentes, por serem mal nutridos e doentes, por terem problemas psicológicos ou mesmo psiquiátricos, por apresentarem um déficit linguístico, por pertencerem a um grupo sócio-cultural inferior, por serem seres de carências múltiplas. Nesta perspectiva, os alunos e alunas são sempre comparados a um modelo ideal de aluno de classe média e, na comparação vão sendo identificados naquilo que lhes falta para atingir o modelo idealizado. Falta-lhes o domínio da língua (falam errado), os pré-requisitos culturais (são ignorantes), inteligência (baixo coeficiente de inteligência), equilíbrio emocional (suas famílias são desestruturadas), auxílio das famílias em seus estudos (pais e mães analfabetos não podem ajudar os filhos a fazer os deveres de casa), condições de saúde (apresentam problemas neurológicos e/ou psiquiátricos), de nutrição (crianças desnutridas não aprendem), ou seja, faltam-lhes as condições indispensáveis para aprender. Os trabalhos de Patto, Collares & Moysés, Valla e outros (para não sair da literatura produzida no Brasil) puseram por terra esta justificativa para o fracasso

escolar que penalizava e continua a penalizar as crianças e jovens das classes populares, negros, indígenas e mestiços em sua maioria.

O livro *The Bell Curve*, de Murray e Hernstein, recentemente publicado nos Estados Unidos, fez renascer a justificativa para o fracasso escolar das crianças negras e mestiças apesar de todas as pesquisas que o contradizem. Segundo os autores, os negros e negras apresentam um baixo QI, argumento que alimenta o preconceito de todos os racistas do mundo. Na escola, o aparecimento e "sucesso" do livro provocou o reaparecimento dos defensores das turmas especiais, que já começam a se movimentar para investir, mais uma vez, no atendimento especial para alunos especiais realizado por professoras especiais. Para eles é preciso antes compensar as carências múltiplas para que alunos especiais cheguem um dia a aprender.

Esquecem que

"La distinción entre lo que se logra enseñar en la escuela y lo que realmente aprenden los alumnos no expresa simplemente una 'deficiencia' en el proceso de aprendizaje, que suele atribuirse a problemas mentales, culturales, nutricionales etc. Lo que indica es que el educando se estructura mediante una lógica propia que no siempre coincide con la del educador: el sujeto selecciona, interpreta e integra, a su manera, los elementos que se le presentan, y así genera conocimientos que pueden superar o contradecir el contenido transmitido."

E são ainda Rockwell e Mercado quem o afirmam, nos mostrando que a situação que enfrentamos no Brasil é semelhante ao que vivem as populações subalternizadas da América Latina. Cá e lá, as crianças e jovens indígenas, negras e mestiças, sempre pobres, são penalizadas fora e dentro da escola.

É importante destacar que o desencontro entre as diferentes lógicas presentes na escola, também aparece nas relações conflitivas entre a tecno-burocracia educacional e as professoras que atuam no cotidiano das escolas, entre alguns pesquisadores e pesquisadoras da universidade e as professoras primárias. Situações de luta discursiva, em que uns colocam os outros em desvantagem, dado o seu poder de definir o que é saber e quem tem ou não tem saber. Relações de poder presentes na escola e nem sempre consideradas.

Desta vez a proposta do governo não é de fazer renascer o rótulo de aluno especial e as turmas especiais, embora a sua proposta atenda à mesma lógica da "deficiência", agora das professoras. Poupa-se as crianças das classes populares (o que, sem dúvida, é positivo), porém se ataca as professoras (o que é lamentavelmente negativo).

Como afirmei acima, desta vez o problema do fracasso escolar foi apresentado como um problema de incompetência das professoras para ensinar e não das crianças para aprender.

Isto posto, a primeira medida a ser tomada seria uma avaliação do rendimento de todas as crianças brasileiras através de testes elaborados por uma competente equipe de técnicos. Como se sabe que mudando o olhar, muda o que é visto, já se pode

antecipar o resultado da avaliação. Ao baixo desempenho dos alunos e alunas nos testes, terá o presidente confirmada a sua "avaliação" antecipada. Para dizer o mínimo, parece sem sentido que se venha a fazer uma avaliação do desempenho de todos os alunos e alunas brasileiros, independente da região e das condições materiais e culturais em que vivem, sobretudo quando a avaliação já estava feita a priori, tanto que o presidente afirmava serem as professoras as grandes responsáveis pelo fracasso escolar, já apresentando inclusive a solução para problema de tal monta. Feito o diagnóstico, e antes mesmo de ser confirmado pelos testes de desempenho, já era apresentado o remédio para curar o mal. As professoras precisariam ser treinadas a fim de se tornarem capazes de bem ensinar, que seria sua responsabilidade reconhecida desde sempre e incapacidade revelada nos últimos tempos. O presidente nunca disse, apesar de cientista que é (ou foi), de onde resultava aquela avaliação pessoal antes mesmo da avaliação resultante da testagem de todas as crianças (com todas as críticas que se possa fazer a uma avaliação que se apresentando como neutra, é uniforme e uniformizadora) e, muito menos, de onde partira a recomendação para a estratégia de superação do fracasso escolar. Mas uma coisa se mostrava definitiva - as professoras eram apresentadas como as grandes responsáveis pelo fracasso escolar e precisavam ser recicladas ... como papel velho que ganha aparência nova após ser reciclado.

O massivo treinamento de professoras anunciado, se daria através de programas pedagógicos televisivos e de vídeo, o que exigiria a instalação de antenas parabólicas em todas as escolas brasileiras. Por este caminho, as professoras seriam "capacitadas" e auxiliadas em seu fazer pedagógico. Os "modernos" professores das professoras seriam aparelhos de televisão e de vídeo, apresentadores de programas de excelente qualidade, não só para as professoras como também para as crianças.

Os estudos e pesquisas vêm enfatizando a importância do trabalho de formação de professoras em serviço, em presença e em resposta à demanda das próprias professoras. É diferente o resultado de um trabalho realizado por solicitação das professoras, em que o seu desejo está presente e as mobiliza para a mudança, e o trabalho imposto pelo desejo de outro, que está fora da escola e que provoca resistência de quem não o desejou. Quando ouvidas, as professoras afirmam a importância de terem oportunidades de aperfeiçoamento - um espaço de troca de experiências, de acesso a aportes teóricos explicativos dos desafios que enfrentam no cotidiano da sala de aula e que sua formação original não dá conta, um espaço de crescimento profissional e pessoal, de construção de uma desejada competência docente e, acrescento eu, de construção de uma competência coletiva. As professoras, como qualquer profissional, anseiam por se tornar competentes e serem reconhecidas socialmente como tal.

A televisão e o vídeo, ao contrário do diálogo pedagógico a que me referia, são espaços de silêncio, de mera recepção, de distrair-se de si mesmo para entrar no universo virtual de cortes rápidos, de informações fragmentadas, impeditivos da reflexão e da produção de sínteses.

Estudos realizados por nosso grupo de pesquisa de análise de programas chamados educativos transmitidos pelos canais de televisão vêm mostrando a

contradição conteúdo e forma. A maior preocupação dos programas é com a forma, que freqüentemente contradiz o conteúdo e distrai do que é dito estar sendo ensinado.

E uma pergunta que qualquer pesquisador em televisão sabe que precisa ser feita à quem se destina um programa televisivo - Será que o que interessa ou o que necessita uma professora de Porto Alegre é o mesmo que precisa ou deseja uma professora de uma pequena cidade do interior das Alagoas? Será que todas as professoras de Belo Horizonte poderão ser beneficiadas pelos mesmos programas, no mesmo momento? Será que uma professora experiente de São Paulo será impactada pelos mesmos programas que uma professora recém-formada da mesma cidade?

E mais, aquelas perguntas que sempre voltam e que deveriam anteceder as estratégias de formação continuada de professoras: Será possível aprender nesta escola que está posta? Será que o problema da escola é apenas "capacitar" professoras? Será possível termos uma escola de qualidade numa sociedade campeã de má distribuição de renda? Será possível construir uma escola incluyente numa sociedade excludente? Será que um país que investe apenas 3.7 do Produto Nacional Bruto em educação poderia esperar melhores resultados?

A Folha de São Paulo de 5 de maio de 1996 apresentou o retrato da educação no Brasil hoje, sob o título - Pobres são as vítimas do ensino no país. País que não consegue resolver o problema do analfabetismo, apresentando um quadro de 19 milhões de analfabetos, isto numa visão pouco exigente do que seria considerado alfabetizado, cuja força de trabalho não ultrapassa os 3.5 anos de escolaridade e cujas professoras das primeiras séries recebem em média um salário de setenta e oito reais, portanto menos do que o salário mínimo vigente. Só os ingênuos ou de má fé podem acreditar na proclamada prioridade pelo social.

Os assessores do presidente devem ter esquecido de lhe dizer quanto ganha uma professora das primeiras séries nos diferentes estados e municípios do Brasil, em que estado físico se encontram as escolas, como as professoras, um dia tão prestigiadas socialmente, foram perdendo o antigo reconhecimento social e se proletarizando econômica, ideológica, técnica e simbolicamente. Se os assessores não o fizeram, a Folha de São Paulo o fez. Resta saber o que fará o presidente com os dados apresentados, ainda que não seja por compromisso social, pelo menos pela vergonha de ser questionado em suas tão freqüentes viagens pelo exterior.

A Professora Pública - de "Maria Candelária" a "Hei de vencer mesmo sendo professora" - Memórias de Professoras

O salário de uma professora hoje é vergonhosamente baixo, ela foi perdendo o controle sobre o seu processo de trabalho, perdendo assim a autoridade que garantia o coletivo docente. A antiga retribuição material foi se perdendo no tempo, não restando sequer a recompensa simbólica. A carreira do magistério que um dia se apresentou como porta de entrada para o campo profissional para as mocinhas de classe média, enquanto "esperavam marido", esta sim, a sua profissão de futuro, hoje se tornou tema de pesquisa para aqueles que tentam compreender porquê, apesar de tudo e todos, algumas professoras se mantêm no magistério. Sim, porque a evasão do magistério é crescente e, até onde se possa ver, sem solução. Pois que a solução teria de ser

resultado de forte vontade política, que transformasse, talvez pela primeira vez em nossa história - educação como prioridade nacional. Assim fizeram alguns países e em curto espaço de tempo, usufruindo hoje o resultado de sua opção. Porém é preciso ressaltar que nestes países que deram um salto educacional qualitativo, chegando a universalizar o segundo grau em curto espaço de tempo, o projeto político econômico não é o neoliberalismo tal como se apresenta no Brasil, em que a obsessão pelo controle da inflação não é acompanhada pela obsessão de salvar vidas humanas.

No Brasil, no curto espaço de uma vida se assistiu à deterioração da categoria magistério, parte do processo de destruição da escola pública.

Eu posso me lembrar, e comigo todas as professoras que viveram a trajetória de proletarização do magistério, o valor do salário de uma professora primária nos anos cinquenta e sessenta, quando até uma música popular em todo o país se referia à Maria Candelária, que ganhava letra O, o salário mais alto do funcionalismo público. Uma professora primária, quase uma menina, que vinha de um Curso Normal direto para a escola em que trabalharia, recebia no fim do mês um salário que lhe permitia ser independente economicamente, dava-lhe um sentimento de potência, de reconhecimento social, de valor pessoal.

Posso me lembrar também dos presentes que a cada dia levava de volta da primeira escola em que trabalhei, escola que se situava na zona rural do Rio de Janeiro. Ao final de cada dia de trabalho, lá íamos nós, jovens professoras da escola, tomar o "trem da Central", carregando sacolas com ovos, galinha, verduras, frutas e legumes, colhidos nas pequenas granjas das famílias de nossos alunos e alunas e que nos eram oferecidos como forma de reconhecimento pela grande importância de nosso trabalho docente. O Dia da Mestra era comemorado como um grande dia de festa nas escolas, dia em que se homenageava "a professora", a quem todos reconheciam o alto valor social.

Posso ainda me lembrar como éramos recebidas pela população, quando fomos, alguns anos mais tarde, de casa em casa, para realizar o senso escolar. As famílias nos recebiam com deferência e carinho, nos fornecendo todas as informações solicitadas e nos oferecendo, ao final das entrevistas, café e biscoitos ou bolo, sempre pedindo desculpas pelo pouco que nos ofereciam, dada a importância de nossa missão.

Minha memória de professora primária recupera o tempo de que uma professora dispunha para planejar, avaliar, pensar sobre cada um de seus alunos e alunas, vez que o seu salário lhe permitia ter apenas um emprego e viver decentemente. Isto não significa fazer um discurso saudosista de - Ah! A escola do meu tempo ... Nem tampouco afirmar que todas as "professoras do meu tempo" eram dedicadas e competentes. Significa sim, dizer que houve tempo em que as professoras eram reconhecidas pela importância de seu papel social e que encontravam condições mais favoráveis de trabalho nas escolas. Naquele tempo as professoras tinham uma larga margem de escolha que hoje não têm. Ser boa professora era possível, o que hoje é praticamente impossível, a não ser por um forte e obstinado desejo político de continuar lutando.

Mas a memória também me traz o momento em que, na medida em que o salário murchava, começaram a aparecer as duplas matrículas no magistério público, o

que fez o tempo, até então destinado a pensar sobre a própria prática docente, ou para fazer cursos de especialização, ou simplesmente para se cultivar, passar a ser empregado em conseguir outra matrícula em outra escola com outros alunos e alunas, correndo de uma escola para a outra para dar conta da dupla jornada de trabalho e não chegar atrasada e se arriscar a ser repreendida pela diretora da segunda escola.

As professoras foram obrigadas a lutar para multiplicar o tempo a fim de dar conta de todas as tarefas que lhes eram cobradas. Elas tinham de multiplicar o tempo, para que no final do mês pudessem somar os poucos tostões que ganhavam em cada matrícula funcional, constatando quanto havia sido subtraído de seu trabalho, e, do que sobrava, dividir com a família. A professora aprendia na carne o verdadeiro sentido das quatro operações.

Algumas professoras davam aulas de manhã numa escola, à tarde em outra, e à noite numa escola do ensino supletivo. Não sobrava mais tempo para pensar nos alunos e alunas que sequer chegavam a conhecer pelo nome. O Joãozinho de ontem, passava a ser mais um número na ficha de chamada numa das turmas com as quais passava a trabalhar. As reuniões pedagógicas, rotina em muitas escolas, até então, foram se tornando impossíveis - era difícil conciliar os horários de profissionais que corriam de uma escola para a outra, não encontrando um horário comum para a indispensável reunião pedagógica. Assim foi sendo destruído o sistema educacional público no Brasil.

Esta é a história de um passado em que ser professora era motivo de orgulho de si mesma e de respeito dos demais. O orgulho e o respeito foi se transformando em auto-comiseração e desrespeito público. Hoje a professora é olhada com descaso ou pena - "coitada, é professora" ... "hei de vencer mesmo sendo professora" ... "magistério é uma categoria em extinção" ... eis o que o imaginário popular cria sobre aquela que teria importante papel a desempenhar na formação das novas gerações, num país que levasse a sério o seu futuro.

Em nossa pesquisa, temos constatado que muitas professoras do Rio de Janeiro estão sem dentes. Pudera não. O salário da professora não dá para que ela tenha uma alimentação saudável, o que provoca o aparecimento de cáries em seus dentes. Como além da escola, o sistema de saúde foi destruído no Brasil, a professora não tem como tratar as cáries, que vão pouco a pouco destruindo os seus dentes, até que os dentes apodrecem e ela os perde.

Teríamos muito o que relatar sobre a pauperização das professoras. Limito-me a contar mais uma triste história de professora.

Em um de nossos cursos de pós-graduação lato sensu de alfabetização, eu fazia o discurso da importância do objeto livro, criticando a indústria da xerox, seja pelo que ela representa de roubo de direitos de autoria, como pela importância do livro em si, um objeto cultural que tem uma integridade, quebrada quando se o parcializa em cópia de um ou dois capítulos. Ao finalizar meu inflamado discurso, uma das professoras/alunas pede a palavra e me diz:

- Está certo Regina. Eu até concordo com você ... em tese ... Mas quero saber como é que fica a situação de uma professora como eu, que ganha duzentos e trinta reais por mês, tem três filhas, sustenta a família e, não pode pagar não é o preço de um

livro, não. Eu não posso é pagar o preço da xerox do livro. E fico ouvindo que esta universidade é aberta para a classe trabalhadora. Será?

É possível alguém ser professora se não tem dinheiro sequer para fazer xerox de livro, e muito menos, para comprar livro? Como ser professora, sem possibilidade de acesso ao livro, num mundo em que a velocidade com que o conhecimento de ontem é superado diariamente por novos estudos, novas tecnologias, novas descobertas, exigindo uma atualização permanente? Como despertar em seus alunos e alunas o prazer da leitura quem é impedido de ler e portanto de descobrir o prazer da leitura? Seria interessante que os que definem o uso de verbas públicas para educação lessem ou voltassem a ler Anísio Teixeira que, já no início do século, afirmava ser impossível uma boa escola sem uma boa biblioteca. Onde estão as boas bibliotecas em nossas escolas, ou melhor dito, quais as escolas de primeiro grau que dispõem de biblioteca no Brasil? Há países em que a primeira edição dos livros é comprada pelas universidades e pelas bibliotecas públicas. Para que isto aconteça é preciso que haja uma política de estímulo à leitura ... o que não é o caso do Brasil.

No entanto, é possível; basta ir a Curitiba e se maravilhar com os Faróis do Saber, forma simples e barata de lidar com o uso público do livro, quando se prioriza democratizar as possibilidades de leitura para a totalidade da população, num país em que é preciso ter dinheiro e espaço para poder ter biblioteca particular, única forma de dispor de livros.

Eu trabalho numa universidade pública, que tem muitos cursos noturnos, mas cuja biblioteca não abre à noite. Os trabalhadores e trabalhadoras estão excluídos do uso de uma biblioteca que deveria ser de uso público. Nós oferecemos cursos de pós-graduação lato sensu aos sábados, mas aos sábados a biblioteca está fechada. A minha aluna trabalhadora, que não pode sequer fazer xerox dos livros que eu lhe recomendo ler, está excluída da possibilidade de encontrá-los na biblioteca da universidade, que deveria estar aberta, pelo menos, durante todo o tempo de aula, mas que se mantém fechada nos horários e dias em que trabalhadores e trabalhadoras poderiam frequentá-la.

E eu me pergunto, sem ter tido coragem de responder à nossa aluna/professora - Será que a escola brasileira, da escola de educação infantil à universidade, é aberta para a classe trabalhadora? Será que algum dia foi? Ou sempre foi excludente em relação aos alunos e alunas das classes subalternas - muitos eram excluídos da entrada (falta de vagas), outros eram excluídos da passagem (reprovação e repetência) e todos, ou uma grande parte, eram excluídos do acesso ao conhecimento valorizado socialmente e da condição de sujeitos do conhecimento.

O meu sentimento face à situação trazida por minha aluna/professora é de absoluta impotência. Lembrei-me de Rainha, líder do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, quando afirmou que nunca algum grupo conquistou qualquer coisa que não fosse com luta. Ele e seu grupo sabem a importância da escola, tanto que cada assentamento, uma vez instalado, cria uma escola, para alfabetizar as crianças. Chamam professores e professoras das universidades para assessorá-los, como fazem na área agrícola, na área jurídica, na área econômica, na área política. Mas sabem quem chamam, pois já aprenderam que tem escola de fazer pensar e compreender o

mundo e tem escola de desaprender e ficar no mesmo lugar miserável em que o pobre se encontrava antes.

Assim também acontece nas comunidades indígenas. Em cada aldeia está presente o desejo de uma escola. E eles sabem porquê querem e como querem. Querem uma escola em que as crianças indígenas possam se apropriar da linguagem escrita para poderem entender o que está escrito no papel que vem com o timbre das autoridades e que vai, cada vez mais, expulsando a tribo das suas terras. Algemiro, filho do cacique de uma tribo guarani do Município de Angra dos Reis dizia para nós o que a escola não deve ser e como e quando a escola passou a ser importante para ele e para o seu grupo. A escola não deveria ser o que foi para ele até um determinado momento. Enquanto lhe ensinavam que “o Brasil tinha sido descoberto por um tal de Pedro Álvares Cabral, a escola ensinava uma mentira pra índio e eu mesmo repetia a mentira que ela me ensinava”. “Eu só fui aprender que isso era mentira quando já tinha dezoito anos. Ai a escola é boa, porque ensina verdade pra índio, que já vivia na terra antes de branco chegar”

Tanto os trabalhadores sem terra quanto os índios guarani de Angra dos Reis querem escolher a escola para seus filhos. Não é qualquer escola que serve. Só serve a escola que possa contribuir para potencializar a sua luta pelo reconhecimento de seus direitos de cidadãos.

Seguramente nenhum deles teve acesso a Bourdieu ou a Gramsci. No entanto eles sentem que algo pode estar errado na escola, quando ela se limita a reproduzir as injustiças e interdições da sociedade. Esta escola eles dizem não servir. A escola que eles dizem querer e por ela batalham, é uma escola que possa ajudá-los a conquistar os direitos fundamentais à terra, ao trabalho, à vida. Eles sabem a importância do conhecimento em sua luta, mas sabem também que não é qualquer conhecimento, pois tem um conhecimento que mascara a realidade, embora tenha também um conhecimento que revela a realidade. Eles sabem também o importante papel da professora no processo de acesso ao conhecimento revelador.

A professora vai sendo substituída pela máquina

Em nosso país, as professoras das escolas, até agora públicas, vão sendo substituídas pelas antenas parabólicas que, segundo a propaganda oficial, já estão chegando às escolas e, com elas, as possibilidades de finalmente alcançarmos o tão desejado sucesso escolar. Os assessores do presidente devem estar convencidos de que por este caminho a escola brasileira se tornará moderna e competente.

Ou talvez pretendam, na verdade, instalar definitivamente a escola dos excluídos.

Pois para que serviria uma escola de qualidade para os que já estão condenados à exclusão?

Do mesmo modo que o Banco Mundial, em sua lógica perversa, recomenda que não seja ensinado o soro caseiro a populações muito miseráveis, pois só se estaria prolongando o tempo de vida e de sofrimento das crianças e acentuando o problema da poluição ambiental, conforme denuncia Valla, quem sabe não será a mesma lógica que

direciona a opção educativa neoliberal para as populações pobres, sobretudo do Terceiro Mundo?

Para que perder tempo com educação para as classes subalternas se amanhã os hoje alunos e alunas estarão condenados ao desemprego e à miséria, representando um perigo potencial de indesejadas convulsões sociais? Educação de qualidade, com boas professoras, boas condições de ensino e de aprendizagem, bons salários, isto é para os filhos dos donos do poder, que podem inclusive mandar seus filhos estudarem na Europa ou nos Estados Unidos, onde eles serão preparados para exercer o poder, seu destino de classe. Estes têm todas as oportunidades dentro e fora da escola. As escolas os preparam para ser dirigentes, como aliás a sociedade global o faz.

Quanto aos outros, os historicamente excluídos do banquete, é melhor distraí-los com a televisão, que mesmo que não ensine o que uma boa professora ensinaria, vai formando consciências conformadas ao projeto neoliberal. Ou será que alguém ignora o papel que desempenha a televisão no mundo? Vale recomendar aos formuladores do novo “projeto televisivo de educação” a leitura de autores como Chomsky, Bourdieu e o nosso Muniz Sodré, entre muitos e muitos outros críticos, que denunciam o papel fundamental que desempenha a mídia na conquista e consolidação da hegemonia.

A televisão, como vem afirmando Canclini, está cumprindo um papel para as elites e outro para as massas - para as elites ela informa, para as massas ela apenas entretém. Acontece que os poucos circuitos de informação capaz de fornecer dados significativos que possam alimentar o processo decisório se destinam apenas a uma minoria, que não passa de 5% em qualquer país, a não ser nos Estados Unidos e no Japão. E é esta minoria que está decidindo os destinos do mundo. À América Latina sequer chega esta informação qualificada, pois os canais que aqui chegam se limitam ao entretenimento, quando muito à informação à la CNN.

QUALIDADE - A Palavra Chave

A palavra de ordem hoje é qualidade, melhor dizendo - qualidade total. Chegaremos ao absoluto da qualidade, sem que ninguém saiba bem o que significa qualidade para os formuladores do projeto. Este é o discurso dos empresários, este se tornou rapidamente o discurso dos que aderiram ao projeto neoliberal na área de educação. Novos autores aparecem ensinando como chegar à sonhada qualidade total. Cursos são organizados pelas empresas para se adequarem ao novo jargão e alcançarem a desejada qualidade, que ninguém define, afinal, do que se trata, embora todos precisem em curto tempo se adaptar ao novo figurino. É preciso produzir mais, em menos tempo e com menor custo. Os números são a meta. Altos níveis de produção, baixos níveis de custo. O custo Brasil é de somenos importância, pois o importante é atingir as metas de modernidade, de desenvolvimento, de sucesso. Se o preço é o desemprego, a miséria e a doença, que se pague o preço. Os que não acompanharem a corrida, irão ficando pelo caminho. Sobreviverão os mais aptos, os que melhor se adaptarem aos novos tempos de economia de mercado, onde se inclui a capacidade de adaptação da escola e à escola. A escola vai sendo retirada da esfera pública para se submeter às regras do mercado. A discussão pública e coletiva vai perdendo o sentido quando o importante é transformar a educação em objeto de consumo individual e de

competição. Questões políticas e sociais vão se tornando técnicas, a exemplo do que foi feito nos anos da ditadura militar, em que o tecnicismo era apresentado como a solução para o problema da escola.

Naquela época, as professoras de todo o Brasil foram obrigadas a participar docemente constrangidas dos treinamentos de professoras através de manuais de instrução programada, controladas por técnicos, também naquela época, altamente gabaritados. Também naquela época despolitizava-se a educação, apresentando-a como um problema técnico. Nós, as professoras, éramos ensinadas a fazer planejamentos impecáveis, com objetivos claramente definidos e obsessivamente colocados (começávamos com os objetivos gerais e acabávamos nos objetivos comportamentais). Tínhamos de saber empregar os verbos e os tempos de verbo corretamente, pois certos verbos eram tabu e certos tempos de verbo eram considerados inadequados. Enquanto aprendíamos a fazer o planejamento, desaprendíamos de ensinar. Havia situações absurdas como as acontecidas tantas vezes quando a professora dava zero num aluno porque ele resolvera um problema por um caminho diferente de solução raciocinada (assim era chamada) do caminho previsto pela professora, apesar de chegar ao mesmo resultado. Ao contrário da máxima *In dubio pro reu*, na escola a professora era levada a acreditar que o aluno chegara à resposta correta porque colara. O aluno desacreditado, começava a desacreditar de sua capacidade de pensar.

O que virá a acontecer agora, com o novo treinamento via televisão, só o tempo dirá. Naturalmente os programas se referirão à qualidade total a ser atingida e as professoras talvez venham a se perguntar: Será que agora a qualidade é diferente? Elas sabem que a qualidade sempre foi perseguida, ou seja, que as professoras melhor ensinassem e que as crianças melhor aprendessem. O que mudaria então?

Qualidade pode significar coisas diferentes quando sujeitos diferentes a ela se referem. O que pretendem os neoliberais será diferente do que os que lutam por uma sociedade alternativa ao projeto neoliberal. Enquanto para os neoliberais a escola não tem qualidade porque as professoras são incompetentes, para as professoras a escola está ruim porque os seus salários são baixos e porque elas não encontram um ambiente favorável ao trabalho docente. Enquanto para os pais e para as professoras a qualidade está ligada à garantia da escola ser pública, para os neoliberais a privatização é condição sine qua non para o atingimento da qualidade. Enquanto alguns defendem que a boa escola é direcionada por um currículo emancipatório, multicultural e participativo, o governo aposta na qualidade do currículo único para todas as escolas. Para uns, o caminho da qualidade é o desenvolvimento do pensamento divergente e crítico na escola, para outros a garantia da unidade do pensamento convergente é indispensável ao atingimento da qualidade. Para uns a escola deveria preparar para a adaptação às necessidades do mercado de trabalho, para outros a escola deveria desenvolver habilidades e socializar conhecimentos que apontem para a organização e a luta da classe trabalhadora. Posições que se opõem embora todos se refiram a qualidade como se ela só tivesse um único sentido.

Numa sociedade em que os interesses são inevitavelmente conflitantes, como se poderia chegar a um consenso na definição de uma palavra que, ainda que apresentada como neutra, carrega concepções de mundo e de homem que se

conflitam? Se qualidade para os neoliberais é parte de uma estratégia competitiva de adaptação às novas características do mercado mundial, para os que se opõem a este projeto, qualidade tem de estar ligada à solidariedade, à participação na construção de um projeto de sociedade alternativo ao neoliberalismo, que priorize o direito ao trabalho e à vida. Quando o norte é a qualidade de vida e não a "qualidade total", tudo o que acontece na escola tem de estar referido ao que direciona o projeto educativo e vai influir desde a formação das professoras até à formulação, execução e avaliação do currículo de cada escola.